

O ENSAIO DE VIRGINIA WOOLF E SUAS REVERBERAÇÕES NO BRASIL

Nicea Helena de Almeida NOGUEIRA*

■ **RESUMO:** Esta pesquisa investiga os ensaios da escritora britânica Virginia Woolf e suas repercussões no panorama crítico-literário brasileiro. Este estudo foi delimitado com a seleção de seis textos da crítica brasileira influentes na divulgação de Virginia Woolf, que conferem especial atenção para *A room of one's own* (Um teto todo seu, 1929), o ensaio woolfiano mais conhecido no nosso país e no mundo. Os ensaios de Woolf desenvolvem e revelam uma tradição feminina na escrita. A crítica literária feminista anglo-americana, nas últimas décadas, tem procurado examinar esses textos antigos dentro do cânone literário por meio de novas lentes. A obra ensaística de Virginia Woolf subverteu essa crítica no Brasil, pois seus ensaios são lidos para examinar novos textos através de suas próprias lentes. A execução deste estudo sobre os ensaios de Woolf em nosso país envolveu uma minuciosa e sistematizada pesquisa bibliográfica e a elaboração de propostas a respeito da repercussão desses. A fundamentação teórica sobre o ensaio enquanto forma de escrita literária parte das considerações de Adorno (1991). A partir de uma abordagem hipotético-dedutiva para a análise dos textos selecionados, empregamos um método descritivo e comparativo de textos mais recentes que discutem os ensaios de Virginia Woolf e análise da sua repercussão na crítica literária brasileira selecionada.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Crítica Literária. Ensaio. Virginia Woolf. Autoria Feminina.

Introdução

O estudo da repercussão dos ensaios de Virginia Woolf (1882-1941) no Brasil foi inicialmente motivado por uma pesquisa de estado da arte que realizei para discutir como os ensaios *A room of one's own*² (1929) e *Professions for women* (Profissões para mulheres, 1931) eram abordados nas dissertações e teses

* UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-330 – nicea.nogueira@ufjf.br

** Nesta pesquisa, os títulos dos ensaios de Virginia Woolf são apresentados em inglês pois serão trabalhados apenas a partir dos textos originais.

defendidas no Brasil, entre 2014 e 2019. Esses trabalhos propunham a análise de textos literários de autoria feminina à luz dos ensaios woolfianos. Minha pesquisa foi baseada em 153 trabalhos acadêmicos de conclusão de Mestrado e Doutorado a partir da consulta do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Ministério da Educação. As teses e dissertações incluem Woolf em suas bibliografias, sendo que diversas vezes seus ensaios são tratados como referenciais teóricos, ainda que esses textos possam ser reconhecidos, pela crítica especializada na autora, com marcantes elementos ficcionais. Para delimitar a investigação de estado da arte, selecionei 20 trabalhos em que Woolf foi citada como teórica e crítica feminista na análise das obras de 19 escritoras, sendo que dessas 14 são contemporâneas. Não era meu objetivo discutir a qualidade desses estudos ou se os textos de Virginia Woolf eram ou não o melhor ponto de partida para uma análise literária de ficção e poesia produzidas nos últimos anos, mas, sim, apresentá-los para iniciar a discussão de como os ensaios de Woolf são lidos no Brasil, apesar de terem sido escritos em um contexto cultural e espacial tão diverso do nosso (Nogueira, 2022).

As traduções dos ensaios *A room of one's own* e *Professions for women* só foram publicadas no Brasil em 1985 e 1996 respectivamente. Concluí que, possivelmente, por causa da falta de traduções da teoria feminista contemporânea, boa parte dos estudiosos brasileiros de Literatura utiliza os ensaios como textos teóricos para embasar a análise sob o viés da crítica feminista, já que pouco tem sido traduzido para o português brasileiro nessa área nos últimos 40 anos. Alguns livros seminais e fundadores dessa crítica, como os volumes das estadunidenses Elaine Showalter, Sandra Gilbert e Susan Gubar, assim como da norueguesa Toril Moi e da franco-argelina Hélène Cixous, são ainda desconhecidos para a maior parte do público acadêmico brasileiro³. A partir dessa constatação, decidi investigar como a produção ensaística de Woolf é compreendida pelo público leitor brasileiro na área acadêmica.

Para esta pesquisa, selecionei dois ensaios que mais aparecem nos trabalhos de análise da produção de autoria feminina no país, a saber: *A room of one's own* e *Professions for women*. Em um momento posterior e com a intenção de delimitar a pesquisa, optei por selecionar textos críticos brasileiros influentes no estudo da teoria literária feminista. Escolhi, inicialmente, duas estudiosas de destaque no cenário da crítica literária feminista no Brasil, Rita Terezinha Schmidt, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Izabel de Fátima de Oliveira

³ Em 2017, foi publicado o livro **Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970-2010)**, organizado pelas pesquisadoras Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília Acioli Lima, que reúne traduções de ensaios clássicos sobre feminismo (como Gilbert & Gubar, Moi e Cixous) desde a década de 1970 a 2010, assim como artigos originais em língua portuguesa, todos em perspectiva diacrônica. Já com edição esgotada desde 2019, esse livro é uma das poucas tentativas de atualização da crítica feminista disponível em português no Brasil.

Brandão, da Universidade Federal do Alagoas, que escreveram textos sobre os ensaios de Woolf. Selecionei também duas teses de Doutorado que contribuem de forma expressiva para a leitura dos ensaios: as teses **Virginia Woolf e seus ensaios**: em busca de uma estética literária, de Mônica Hermini de Camargo (2006), e **A representação feminina na obra de Virginia Woolf**: um diálogo entre o projeto político e o estético, de Maria Aparecida de Oliveira (2013).

Posteriormente, acrescentei dois estudos acadêmicos, que são: **Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf**, livro do crítico woolfiano Davi Pinho, e **Unveiling the contemporary in Virginia Woolf** (Desvendando o contemporâneo em Virginia Woolf), artigo da jovem pesquisadora Patrícia Fagundes Marouvo, publicado em 2021.

Os objetivos deste estudo são: analisar a repercussão dos ensaios de Virginia Woolf na produção crítica feminista no Brasil e mapear a produção de textos que foram produzidos no Brasil a partir da leitura dos ensaios de Virginia Woolf, além de traçar a liberdade intelectual e a autonomia estética que os ensaios de Woolf inspiraram nos textos selecionados da crítica literária contemporânea sobre a autoria feminina no Brasil.

A atualidade dos ensaios woolfianos

Os ensaios de Virginia Woolf, com seu tom conversacional, discutem assuntos e temas que despertam o interesse do leitor ou leitora do século XXI. É uma escrita livre das amarras do tempo e das marcações históricas. São textos que atingem o âmago das questões de que tratam, vão ao fundo do debate, apresentam reflexões que, muitas vezes, já tivemos, mas que não registramos. Há uma frequente identificação com a abordagem dos temas na leitura deles, mas as palavras da autora e a forma como ela escreve os revestem com uma cor de novidade.

A atualidade do conteúdo dos ensaios justifica o estudo deles: morte, doença, armamentos, condição feminina, crítica literária e o ato da escrita são alguns dos temas recorrentes. A impressão que se tem é que eles foram publicados recentemente. Por exemplo, o ensaio *A room of one's own* tece um panorama da condição de trabalho das escritoras que ainda pode ser reconhecido em nossos dias. O mesmo pode ser dito sobre o ensaio *On being ill* (Sobre estar doente), publicado em 1926 na revista literária britânica *The Criterion*, que trata de reflexões sobre isolamento, solidão e vulnerabilidade que uma doença pode causar e como pode fazer com que uma pessoa adulta de sinta uma criança novamente, situação tão real em tempos pós-pandêmicos.

O ensaio é um tipo de texto que Virginia Woolf prezava muito. Além de escrever seus próprios ensaios, ela era uma leitora entusiasmada por ensaios de outros autores, como o francês Montaigne (1533-1592) e do inglês Addison (1672-1719). No texto *The modern essay* (O ensaio moderno), de 1921, esse entusiasmo e

o senso de liberdade são evidentes quando comenta: “*The form, too, admits variety. The essay can be short or long, serious or trifling, about God and Spinoza, or about turtles and Cheapside*” (2009, p. 13)⁴. Continua a comentar que o ensaio é o que menos precisa de palavras longas entre todos os tipos de textos literários e que sua única finalidade é deleitar o leitor. Na sua opinião, quando um escritor domina a técnica de escrever, pode expressar o seu próprio eu na Literatura, mas adverte que é um problema encontrar um equilíbrio entre a impessoalidade, tão cara aos autores modernistas, como seu amigo e poeta T. S. Eliot⁵, e suas opiniões e experiências presentes na escrita. Quando isso não é resolvido, o leitor pode ficar nauseado com a percepção de personalidades fúteis na perenidade do texto impresso, pois a Literatura é uma arte severa, que exige disciplina. Não adianta ser atraente ou mesmo erudito se a sua primeira exigência não for cumprida: saber escrever bem. Ao reconhecer a demanda para esse tipo de escrita, Virginia Woolf expõe sua ideia de tamanho de um ensaio: no máximo 1500 palavras, quando muito 1750. Ela conclui que o público leitor precisa como nunca de ensaios para ler, textos que o acolham e não o excluam, por meio da linguagem comum e da exposição de ideias relevantes e bem fundamentadas.

A única forma de escrita que pode funcionar sem reduzir os conceitos a meros objetos é o ensaio, segundo Theodor Adorno (1991). O ensaísta interpreta o que é apresentado ao invés de apenas aceitar ideias prontas e opiniões externas, pois o ensaio “leva em conta a consciência da não-identidade mesmo sem expressá-la; é radical no não-radicalismo ao se abster de qualquer redução a um princípio e ao acentuar, em seu caráter fragmentário, o parcial diante do total” (Adorno, 1991, p. 9). O filósofo afirma que o ensaio é uma peça de arte que possui uma relação íntima com o procedimento científico. Tem a responsabilidade de ser científico porque ele se configura na procura pela verdade do ser por meio dos métodos de observação e de ser artístico pela qualidade estética, pois resiste à verdade enquanto conceito e debruça-se sobre a ilusão da subjetividade. A reflexão e a comparação são cruciais ao ensaio, geralmente obtidas ao unir conceitos e ideias com a linguagem da experiência. A unidade de seu objeto é determinante juntamente com a unidade da teoria e da experiência que migraram para o objeto. Adorno conclui que o ensaio é uma forma crítica por excelência, que reflete sobre a relação da natureza com a cultura.

⁴ Tradução nossa: “A forma também admite variedade. O ensaio pode ser curto ou longo, sério ou insignificante, sobre Deus e Espinosa, ou sobre tartarugas e Cheapside”.

⁵ No famoso ensaio “Tradição e talento individual” (1919), Thomas Stearns Eliot (1888-1965) defende a teoria da despersonalização do poeta/escritor na metáfora científica do filamento de platina em um ambiente contendo os gases oxigênio e dióxido de enxofre. Na presença do filamento, os gases se transformam em ácido sulfúrico, que não possui qualquer traço de platina. Esta permanece inalterada, inerte e neutra. A mente do poeta é como o filamento de platina, quanto mais perfeito ele for, tanto mais estarão separadas dele as suas paixões que serão transmutadas para constituir seu material de criação, sem traços de emoção (Eliot, 1989).

A descrição do ensaio, segundo Adorno (1991), pode ser transferida para a apreciação dos ensaios de Virginia Woolf. Para Hermione Lee (2010), esses podem ser lidos como a autobiografia de um leitor, cheia de intimidades e emoções pessoais, mas a vida de Virginia enquanto escritora assumia, frequentemente, o tom do que ela estava lendo ou discutindo. Ela não falava de si mesma diretamente, nunca se referia à sua pessoa nos ensaios como uma romancista, nem à sua vida como Virginia Woolf. Escreveu a partir da perspectiva literária, histórica e cultural, mas não do ponto de vista pessoal. Ainda assim, sua experiência e sua voz chegaram muito próximas de seus leitores até hoje.

A categorização dessa produção é uma operação instável e em qualquer um desses textos há entrecruzamento, sobreposição e desaparecimento de divisões (Lee, 2010). Ensaios se tornam textos de ficção e as ficções viram ensaios. A crítica sobre outros autores ou leituras de ficções modernas pode aparecer na forma de comentários de seu próprio processo de criação literária. Recomendações de como se ler um determinado livro podem configurar demonstrações de como escrever.

Jane Goldman (2006) considera *A room of one's own* como o ensaio de Virginia Woolf mais importante enquanto contribuição para a crítica e a teoria literária, não apenas para os leitores de sua obra, mas, especialmente, para os interessados em um debate cultural e crítico mais amplo sobre feminismo, gênero, sexualidade e modernidade. Baseado em palestras que deu às alunas da Universidade de Cambridge em 1928, esse ensaio, em certas passagens, assemelha-se a um romance, diluindo as fronteiras entre a crítica e a ficção. É também considerado como o primeiro texto moderno para a crítica literária feminista, sendo fonte de muitas posições teóricas por vezes conflitantes. Goldman destaca que enquanto *A room of one's own* é centrado na crítica, ao examinar a produção literária de e sobre mulheres, *Three guineas* dá ênfase para as instituições sociais e políticas do patriarcado e conecta a política de ascensão do Fascismo na Europa com a política da esfera doméstica e pessoal de seu país.

Os textos dos romances *To the lighthouse* (Ao farol) e *Orlando* estão interligados com *A room of one's own* como se formassem um tríptico, como Julia Briggs (2006) indica. Foram escritos com muita rapidez, em menos de quatro anos entre 1925 e 1929, sendo que *A room* foi rascunhado em apenas um mês e, depois, revisado extensivamente. Briggs destaca que a velocidade de suas composições reflete a urgência do tema principal para Virginia Woolf: *To the lighthouse* aborda os problemas enfrentados pela artista em uma sociedade patriarcal, *Orlando* enquadra-os em uma perspectiva histórica e *A room of one's own* analisa sua origem e natureza. Isso ilustra o apagamento do limite entre crítica e ficção nos ensaios de Woolf.

Comentando sobre a influência de Montaigne na produção ensaística de Virginia Woolf, Judith Allen (2010) argumenta que os dois exerceram um modo de expressão que recorre à narrativa extremamente complexa e às estratégias retóricas

ao proporem a participação ativa de seus leitores, pois o objetivo deles era o pensamento crítico, corroborando a assertiva de Adorno (1991), acima mencionada, do ensaio ser indubitavelmente voltado para o exercício da crítica. Allen ainda argumenta que *A room of one's own* tanto expressa como coloca em prática sua crítica cultural ao assegurar que seus leitores “não vejam apenas a importância das mulheres de sua cultura como ‘outsiders’, mas também que eles próprios se apropriem dessa posição.” (2010, p. 57).

Os ensaios críticos de Virginia Woolf oferecem aos seus leitores um relato sem paralelo do desenvolvimento da escrita de autoria feminina, uma discussão bem fundamentada de suas precursoras e contemporâneas e uma insistência pertinente sobre as condições materiais que estruturam a consciência das mulheres, segundo Michèle Barrett (1979).

A partir dessas considerações, este estudo aborda a atualidade e versatilidade dos ensaios de Woolf, ao mesmo tempo em que destaca como esses são lidos, percebidos, citados e comentados na produção crítica, no sentido de analisar a sua repercussão no Brasil, por ser um tipo de escrita singular que permite ao artista a expressão de suas ideias e opiniões de forma genuína e única.

Os ensaios e a crítica feminista brasileira

Com consolidada produção intelectual na crítica feminista, Izabel Brandão e Rita Terezinha Schmidt são importantes nomes no Grupo de Trabalho “A mulher na Literatura” da Anpoll – Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística e representam o início da institucionalização da teoria e da crítica literária feminista nas universidades brasileiras. Já as teses de Mônica Camargo e Maria Aparecida de Oliveira, junto com os estudos de Davi Pinho e Patrícia Marouvo, proporcionam uma leitura mais atualizada dos ensaios de Woolf com significativas bibliografias. São pesquisas de referências para os estudos de pós-graduação na área dos Estudos Literários.

Em seu texto de 1990, a pesquisadora Rita Terezinha Schmidt considera Woolf como uma revolucionária no sentido que seus ensaios propõem uma ruptura intencional com o discurso crítico dominante de seu tempo, no que concerne sua visão sobre o romance. A partir de seus textos ensaísticos, em que examina a escrita de autores ou certas obras em particular, Virginia revela uma profunda preocupação com a ficção e transmite seus pensamentos sobre a relação da ficção com a vida, sua abrangência e sua forma, assim como a sua noção de personagem e de foco narrativo que surgiu a partir de sua própria prática ficcional.

O artigo de Rita Schmidt aborda onze ensaios de Virginia Woolf: *Modern fiction* (Ficção moderna, 1919), *Phases of fiction* (Fases da ficção, 1929), *The novels of E. M. Forster* (Os romances de E. M. Forster, 1927), *Notes on D. H. Lawrence* (Notas sobre D. H. Lawrence, 1931), *Life and the novelist* (A vida

e o romancista, 1926), *Letters of Henry James* (Cartas de Henry James, 1920), *Mr. Bennet and Mrs. Brown* (Sr. Bennet e Sra. Brown, 1923), *A room of one's own* (Um teto todo seu, 1929), *On re-reading novels* (Relendo romances, 1922), *Sterne* (1909) e *The anatomy of fiction* (A anatomia da ficção, 1919). A proposta da pesquisadora é traçar o que poderia ser chamado de teoria da ficção a partir das considerações feitas por Woolf em seus ensaios críticos.

Schmidt aborda, ainda, as opiniões de Virginia Woolf sobre as mudanças que aconteceram no romance durante a vida da escritora, tanto na forma e no conteúdo quanto nas suposições teóricas que surgiram em discussões sobre o gênero. O que importava era a realidade além da superfície dos fatos e eventos, ou seja, o fato em si e sua realidade espiritual, ideia que deu origem à metáfora woolfiana granito e arco-íris. Schmidt cita o ensaio *Phases of fiction* para mostrar como Woolf via as fragilidades na tradição da escrita ficcional na Inglaterra.

Schmidt afirma que o conceito de personagem de Woolf demanda uma revisão do conceito de forma ficcional. Cita o ensaio *A room of one's own* em que a ensaísta define forma como o primeiro impulso de emoção subjacente tanto ao processo de escrita como ao de leitura. A palavra forma na ficção não se refere a ver, mas a ler, pois qualquer texto adquire significado por momentos de compreensão que permitem ao leitor captar os *insights* do texto e compreender porque a história foi escrita. Schmidt cita o trecho em que Virginia Woolf afirma: “Assim, o ‘livro’ em si não é a forma que vemos, mas a emoção que sentimos, e, quanto mais intenso o sentimento do escritor, mais exata, sem fendas nem falhas, é sua expressão em palavras” (Woolf, 2021, p. 59).

A preocupação básica de Woolf, segundo Schmidt, está sempre centrada na ideia de equilíbrio, que deve guiar a tarefa do artista de selecionar e organizar as relações entre objetividade e subjetividade, o físico e o espiritual, o externo e o interno na sua representação ou realidade. Segundo Schmidt, a ideia de ficção de Woolf é de um meio artístico dinâmico que, ao contrário de qualquer outro, captura e transfigura a completude da vida.

Alguns anos após a publicação de Schmidt, outra pesquisadora importante da crítica feminista no Brasil, Izabel Brandão, apresentou a sua pesquisa sobre os ensaios woolfianos no XXX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa (Senapulli), em Atibaia, São Paulo, do qual participei em 1998. Essa apresentação oral deu origem à publicação do estudo intitulado *Virginia Woolf and the essay under feminist eyes* (Virginia Woolf e o ensaio sob o olhar feminista) na **Revista Mulheres e Literatura**, um ano depois, e a tradução em português compôs a coletânea **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas, organizada por Christina Ramalho, no mesmo ano (Brandão, 1999b).

Nesse estudo, Brandão (1999a) comenta os seguintes ensaios: *The modern essay* (O ensaio moderno, 1921), *How should one read a book* (Como se deve ler

um livro, 1926 e 1932), *The leaning tower* (A torre inclinada, 1940), *The feminine note in fiction* (A nota feminina na literatura, 1905), *The decay of essay writing* (A decadência da escrita do ensaio, 1905), *Professions for women* (Profissões para mulheres, 1931) e *The intellectual status of women* (A posição intelectual das mulheres, 1920). Começa argumentando que Virginia Woolf escreveu do ponto de vista feminino, sua voz era a de uma escritora sobre questões gerais, mas também tinha interesses específicos e usa o formato do ensaio criticamente, atuando como um modo de resistência à tradição literária de sua época e país.

Só a partir da década de 1970, de acordo com Izabel Brandão, os ensaios de Woolf começaram a ser reavaliados por causa do feminismo que se fortaleceu a partir desse período. Contudo, o fato de Woolf preferir a impessoalidade não foi bem aceito pelas feministas, já que a voz da mulher na escrita de autoria feminina é considerada como a essência do feminismo, como uma reparação pelo silenciamento de milênios.

A partir da voz antiautoritária dos ensaios de Woolf é que Brandão propõe discutir a questão de gênero, algo inovador no final da década de 1990 no Brasil. Mesmo criticada pela linha feminista, a voz impessoal que a ensaísta usa em seus textos é justamente uma forma de ser pessoal e política em seus pontos de vista. Argumenta que a voz dita impessoal de Woolf parece ser política e ideologicamente direcionada para a defesa das mulheres contra a crítica preconceituosa e paternalista.

O último aspecto analisado por Brandão é a opinião de Woolf sobre o ensaísta e o tipo de feminismo que ela defendia. Woolf declara que o ensaísta deve ser alguém que use uma máscara, já que não pode ser ele mesmo ou ser outra pessoa, devendo apenas tocar de leve na superfície do seu pensamento e diluir a força da sua personalidade. Isso faz com que o ensaísta possa se expressar com vozes múltiplas, o que apagaria a suposta neutralidade, de acordo com Brandão, já que é um sinal de versatilidade e variedade da pessoa, geralmente das mulheres. Quanto ao feminismo de Woolf, Brandão afirma que ela era muito consciente de sua posição enquanto escritora e das limitações da experiência feminina que a levou a defender o extermínio do “anjo do lar”, conforme relata no ensaio *Professions for women*, que assombra e desqualifica as mulheres ao dizer para elas que precisam mentir quando apreciam a obra literária de um homem. Destaca, ainda, que a defesa contundente de Woolf quanto ao direito à educação e a um lugar na sociedade é o seu feminismo. Brandão conclui que o ensaio pode ter surgido em um contexto masculino e elitista, mas, nas mãos de Virginia Woolf, transformou-se em um veículo para a popularização da Literatura e para a defesa dos direitos daqueles considerados na margem, sejam essas mulheres ou os seus leitores comuns. Por se rebelar contra as convenções, as tradições e todos os tipos de preconceitos, o ensaio é visto sob a luz da marginalidade: “Felizmente as barreiras existem para ser derrubadas e Woolf fez isso por meio de sua ficção e nos mais de seus 500 ensaios” (Brandão, 1999a).

A pesquisadora Mônica Hermini de Camargo (2006) argumenta que a característica que distingue Woolf como ensaísta é seu desejo incansável de definir, explicar e refinar os preceitos dos leitores comuns e o processo de leitura crítica e consciente: “Os ensaios woolfianos revelam a articulação de uma teoria sobre o leitor e a leitura que parece paradoxal em sua tentativa de codificar momentos de existência e os estados de espírito experimentados na interação com o texto” (2006, p. 73). O valor dos ensaios de Woolf está na tentativa de captura, na escrita, dos paradoxos de um momento histórico controvertido, em que as instituições passavam por questionamentos que evocavam reformas e explicações. Na última seção de seu estudo, Camargo faz uma detalhada apresentação dos ensaios e sua recepção crítica a partir de uma visão panorâmica.

As traduções compõem a segunda parte da tese e os ensaios selecionados são: *The Russian point of view* (O ponto de vista russo, 1918/1925), *Modern fiction* (A ficção moderna, 1919), *How it strikes a contemporary* (Como se atinge um contemporâneo, 1923), *Mr. Bennet and Mrs. Brown* (Sr. Bennet e Sra. Brown, 1923) e *Phases of fiction* (Fases da ficção, 1929). Segundo a pesquisadora, esses ensaios foram escolhidos porque neles estão contidas as ideias de Virginia Woolf que contemplam sua relação com as influências do modernismo e a interpretação que fazia dos processos artísticos e literários das primeiras décadas do século XX.

Para Camargo, nos ensaios de Woolf há o esboço de uma estética literária que abrange os principais movimentos socioculturais, artísticos e político-econômicos no período compreendido entre 1895 e 1945, e indica como esses movimentos marcaram as obras literárias produzidas dentro deste recorte temporal.

A diferença entre a crítica literária de Virginia Woolf e a de seus contemporâneos era a de ser independente, centrada nos seus próprios valores. Utilizava abordagens diferentes de acordo com cada obra que analisava, como a histórico-sociológica, a biográfica, a psicanalítica baseada nos estudos de Freud sobre o inconsciente, a filosófica, o levantamento da fortuna crítica e o cânone tradicional. Segundo a pesquisadora, a crítica woolfiana se baseia em um tripé: amplitude de seu conhecimento prévio, teorias consolidadas sobre literatura e crítica literária e a formulação de sua própria teoria crítico-literária, sempre demonstrando sua aplicação prática e seu valor crítico (Camargo, 2006, p. 64). Assim sendo, concluímos que, na opinião de Camargo, Woolf era, também, uma teórica literária.

A única crítica que Camargo faz à Virginia Woolf era o fato dela afirmar que qualquer um teria acesso ao conhecimento cultural que ela tinha, já que os privilégios a que teve acesso eram muito particulares de sua classe social: “Sua formação, seu status social, sua condição financeira e sua situação privilegiada permitiram que ela refletisse sobre arte levando a arte em consideração”, complementa Camargo (2006, p. 64).

Na sua opinião, o objetivo dos ensaios de Woolf era fortalecer a representação da experiência, por meio da escrita, para que o leitor comum conseguisse

compreender a si mesmo como uma pessoa civilizada no sentido de melhorar a sua postura social, histórica e cultural. A escritora preocupava-se com a questão de gênero e empregava técnicas para integrar tanto homens como mulheres ao fragmentar as diversas maneiras tradicionais de suas representações.

Entre as razões que explicam a resistência da crítica literária em dar o devido valor aos ensaios de Virginia Woolf entre os anos de 1910 e 1990, é que eles não começam com uma tese a ser demonstrada nem são indutivos almejando uma conclusão concreta e estável. “Woolf produziu ensaios que enfatizaram o viver mais do que a vida, o significado mais do que a imagem, as ideias mais do que a forma, que devem ser analisados e reavaliados com o instrumental crítico moderno que não estava disponível em seu tempo” (Camargo, 2006, p. 71). No trecho citado, compreendemos a força e o vigor do caráter de análise da pesquisadora sobre os ensaios que até a sua tese não havíamos encontrado na crítica literária brasileira.

Camargo discorda do ponto de vista de Izabel Brandão sobre a rejeição de Woolf à autoridade da crítica acadêmica extremamente valorizada no Reino Unido, pois afirma que Woolf questionava essa autoridade sem rejeitá-la, já que não se privava de afirmar sua própria autoridade crítica mesmo que tentasse torná-la mais diluída em seus textos. Segundo Camargo, Woolf “percebia a dificuldade de julgar o presente e tentava ser justa e honesta nos confrontos com seus pares, mesmo que irônica e, por vezes, passional” (2006, p. 72).

Na tese **A representação feminina na obra de Virginia Woolf: um diálogo entre o projeto político e o estético**, Maria Aparecida de Oliveira (2013), uma das pesquisadoras mais importantes nos estudos woolfianos no Brasil, observa que o crescente interesse na história dos ensaios enfatiza a relação dos romances com as ideias sobre a mulher, a política e a sociedade. O pensamento de Woolf tem enfrentado uma revisão crítica a partir de muitas perspectivas juntamente com um novo mapeamento de seus escritos, o que redireciona o foco de interesse na escritora e abre diversas possibilidades de investigação, na opinião da pesquisadora. Os ensaios “estão sendo relidos como elementos primordiais na rede de complexidade da obra de Woolf, entre seus romances, contos, diários, cartas, revisões de livros, esboços, ensaios, ensaios-contos, ensaios-romances” (Oliveira, 2013, p. 12). Essa rede de conexões está começando a ser compreendida na sua totalidade apenas nas últimas décadas dos estudos woolfianos.

A pesquisa de Maria Aparecida de Oliveira, também publicada em livro em 2017 pela Paco Editorial, se propõe a examinar como as concepções feministas de Virginia Woolf nos ensaios *A room of one's own* e *Three guineas* estão na obra da escritora, especialmente nos romances *To the lighthouse* e *Mrs. Dalloway*, textos que compõem o recorte feito por Oliveira. Esta observa a coerência na obra de Virginia Woolf que delineia um projeto estético e político em sua escrita. O suporte crítico-teórico apresenta textos clássicos dos estudos woolfianos, como as considerações das feministas Sandra M. Gilbert e Susan Gubar no livro *The*

madwoman in the attic (A louca no sótão) e nos três volumes de *No man's land* (Terra de ninguém), as pesquisas de Elaine Showalter apresentadas no livro *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing* (Uma literatura toda delas: romancistas britânicas de Brontë a Lessing), da crítica norueguesa Toril Moi em **Teoria literária feminista** e de Mark Hussey em **Virginia Woolf: de A a Z**, entre outros.

A tese está dividida em duas partes, sendo que a primeira trata da concepção da tradição literária feminina formulada por Woolf e de sua obra sob o olhar da crítica feminista, com foco nos ensaios *A room of one's own*, *Women and fiction*, *Professions for women* e *Three guineas*. Na segunda parte, Oliveira aborda o processo de politização da estética woolfiana ao se aprofundar na análise dos romances *To the lighthouse* e *Mrs. Dalloway*.

A estudiosa finaliza afirmando que o feminismo de Woolf nem sempre foi evidente pois está mais nas entrelinhas de seus textos do que nas frases que formulou. A autora estava interessada nas causas econômicas e psicológicas do domínio masculino. Isso é detectável nos romances estudados e nos ensaios também. Woolf fazia questionamentos “que restauravam a complexidade de assuntos que estavam sendo radicalmente simplificados e que eram necessários para uma ação política mais eficaz” (Oliveira, 2013, p. 232). Os estudos recentes da pesquisadora a levaram a concluir que Virginia Woolf tem um impacto duradouro na literatura de autoria feminina no Brasil e que os textos das escritoras brasileiras “estão viajando juntos com os livros de Woolf” (Oliveira, 2021, p. 263), e que essas obras também irão deixar seu contexto de origem para serem lidas e transformadas por leitores num ambiente global.

A ideia de que Virginia Woolf escolheu a conversa, e não o diálogo, como marca de seus ensaios, pois encenam diversas vozes que não perseguem uma verdade absoluta, é defendida por Davi Pinho (2020), um dos pesquisadores brasileiros com produção crítica mais consistente sobre a obra de Woolf. Pinho afirma que Woolf não deveria ser lida como uma teórica, “já que mesmo suas investigações (que certamente não deixam de ser teóricas se temporárias e claudicantes) se dão enquanto encenações da contradição, evitando justamente erigir qualquer sistema” (Pinho, 2020, p. 13). Pinho sinaliza que o antídoto para o lugar de autoridade da teoria é a conversa.

O ponto alto de sua tese de Doutorado, intitulada **Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf**, de 2014, com publicação em livro no ano seguinte, é a discussão sobre o silêncio que deixa sua marca indelével no feminino construído historicamente e que assume a condição de uma nova linguagem na prosa woolfiana. Essa escrita do silêncio, adverte Pinho, relaciona-se com o conceito de mente andrógina na obra da autora e essa relação tem como mediadora o movimento da escrita feminina como entendido e defendido pela crítica franco-argelina Hélène Cixous.

Quanto ao ensaio *A room of one's one*, Pinho argumenta que “Woolf tenha pensado o feminino como um acesso diferente à linguagem” (2014, p. 17-18). Somente após traçar uma tradição para a autoria feminina, Virginia Woolf conseguiu formular a ideia de uma mente andrógina: “uma mente que consiga, de dentro da linguagem que foi constituída como lugar do sujeito homem e objeto mulher, afirmar a diferença, o ser humano homem e mulher” (Pinho, 2014, p. 18). O binário proposto pelo masculino e feminino parece desaparecer nessa nova possibilidade. Dessa forma, o andrógino parece ser uma terceira via, uma mente que se configura e se estabelece no limite.

Pinho aponta que é nesse ensaio de 1929 que se pode observar o resultado da pesquisa da autora quando jovem culminar nas palavras da posterior romancista e ensaísta. Woolf demanda um espaço que possibilite a mulher moderna escrever com tranquilidade, sem interrupções, e uma renda de quinhentas libras por ano: “esses seriam os pilares para a nova literatura feminina, uma literatura sem medos ou fantasmas” (Pinho, 2014, p. 88). O crítico destaca as indagações de Woolf sobre o motivo de existirem poucas escritoras do ponto de vista histórico ou qual a razão de não ter havido uma mulher que, no século XVI, escrevesse um soneto que fosse tão apreciado quanto os sonetos de Shakespeare.

Outro aspecto interessante na crítica de Davi Pinho é sua discussão sobre a sentença feminina, um conceito que Woolf desenvolveu em seus ensaios. De acordo com o estudioso, Woolf percebe que autoras como Jane Austen e Emily Brontë não tinham raiva da sentença masculina e seus valores como a ciência, as guerras e o mundo exterior das relações humanas. A sentença feminina ou a frase feminina daria uma nova finalidade aos valores no universo literário. A partir de Jane Austen e suas contemporâneas, segundo Pinho, Woolf indica que “o universo feminino se torna narrável, que a vida de uma menina, contada a partir da e sobre suas relações com a casa, sob sua própria perspectiva, encontra finalmente um lugar na literatura” (2014, p. 102). Em seus estudos mais recentes, Pinho (2025) afirma que Woolf percebia a possibilidade que a arte permitia: o impulso de criar inteiros temporários a partir de fragmentos.

Inspirado em um curso de Davi Pinho em 2017, o artigo de Patrícia Marouvo (2021), ao comentar *The modern essay*, ressalta que Virginia Woolf descreve as mudanças que o ensaio, enquanto forma, parecia sofrer na sua época. Muito ao seu estilo, por meio de imagens que desafiavam até o leitor mais imaginativo e sensível, Woolf deu sentido ao dilema contemporâneo que os críticos enfrentaram ao escrever um ensaio. “Diante do dilema assim colocado, parece que seus contemporâneos não tinham mais a convicção que permitia que o “efêmero” fosse levantado para que uma união perpétua ou casamento pudesse ocorrer linguisticamente por meio da linguagem comum” (Marouvo, 2021). O argumento que a estudiosa sustenta é que a oposição inscrita no dilema de Woolf é superada por meio da sentença andrógina, abrindo caminho para a vida comum

se desdobrar em múltiplas maneiras de sentir, perceber e pensar tanto linguística quanto performativamente.

Considerações finais

Ao realizar esse levantamento de textos críticos sobre os ensaios de Virginia Woolf, precisamos levar em consideração que o artigo de Rita Teresinha Schmidt contribui significativamente para se compreender as ideias de Woolf quanto à arte de escrever ficção, o que ela achava importante e o que desprezava e criticava. É um artigo fundamental tanto para quem estuda os ensaios quanto os romances e contos. O fôlego de seu estudo sobre os ensaios woolfianos se compara ao de Izabel Brandão e as duas críticas fazem com que esses textos atravessem o Brasil de norte a sul, diluindo as fronteiras regionais e possibilitando que suas pesquisas influenciassem as gerações posteriores de pesquisadores da obra de Woolf.

Já as teses de Mônica Hermini de Camargo e Maria Aparecida de Oliveira proporcionam uma leitura mais atualizada dos ensaios de Woolf com importantes bibliografias. Para Camargo, é na força dos princípios bem definidos de Virginia Woolf que se fundamenta o contra-argumento às críticas negativas sobre seu trabalho. A pesquisadora questiona como Woolf, que chama de uma ensaísta acidental, poderia seguir critérios tão sérios e tão fortemente embasados na cultura contemporânea. A obra de Woolf demandava forma, uma estrutura narrativa e sua crítica tentava oferecer um plano consistente para o que Camargo chama de produção de boa literatura.

A percepção de análise de Maria Aparecida de Oliveira é constatada no entrecruzamento dos ensaios com os romances que elege para provar seu argumento de que o que Virginia Woolf teorizou nos ensaios foi colocado em prática na sua prosa de ficção. Já Davi Pinho amplia o debate se aprofundando no conceito de androginia e marcando a importância do tom conversacional da autora dentro do mesmo projeto político e estético apontado por Oliveira.

Enquanto pesquisadora da última geração, ou melhor, da mais recente geração de estudiosos de Virginia Woolf no Brasil, Patrícia Marouvo contextualiza de forma perspicaz os elementos modernistas presentes nos ensaios que ela traz para análise. Como jovem acadêmica e já fazendo parte do corpo docente em uma das universidades mais respeitadas de Estudos Literários de Língua Inglesa em nosso país, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ela nos garante, com suas pesquisas, que teremos também novas gerações de leitores e críticos para Virginia Woolf.

Percebemos ecos entre os textos críticos brasileiros aqui compilados que asseguram e confirmam o valor e a atualidade dos ensaios woolfianos. A partir daí, esta pesquisa espera contribuir para a consolidação desses estudos e abrir perspectivas para novas investigações sobre a sua obra da autora. É consenso na crítica espe-

cializada que Virginia Woolf sempre escreveu muito, revisou muito e sempre teve muito a dizer. Ainda tem, basta que estejamos com os ouvidos abertos para escutar e refletir sobre o que escreveu. A vida fará mais sentido a partir de então.

NOGUEIRA, N. H. A. Virginia Woolf's essay and its reverberations in Brazil. **Itinerários**, Araraquara, n. 61, p. 273-288, jul./dez. 2025.

■ **ABSTRACT:** *This research investigates the essays of the British writer Virginia Woolf and their repercussions on the Brazilian literary-critical panorama. This study was delimited by the selection of six texts by Brazilian critics that were influential in the dissemination of Virginia Woolf, with special attention to **A room of one's own** (1929), the most well-known Woolfian essay in our country and in the world. Woolf's essays develop and reveal a feminine tradition in writing. In the last decades Anglo American feminist literary criticism has sought to examine these old texts within the literary canon through new lenses. Virginia Woolf's essayistic work subverted this criticism in Brazil, as her essays are read to examine new texts through their own lenses. The execution of this study on Woolf's essays in our country involved meticulous and systematic bibliographical research and the elaboration of proposals regarding their repercussions. The theoretical basis for the essay as a form of literary writing is based on Adorno's considerations (1991). Using a hypothetical-deductive approach to analyze the selected texts, we employ a descriptive and comparative method of more recent texts that discuss Virginia Woolf's essays and analyze their impact on selected Brazilian literary criticism.*

■ **KEYWORDS:** *Literary Criticism. Essay. Virginia Woolf. Female Authorship.*

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. The essay as a form. In: ADORNO, Theodor W. **Notes on literature**. New York: Columbia University, 1991. v. 1, p. 3-25.

ALLEN, Judith. **Virginia Woolf and the politics of language**. Edinburgh: Edinburgh University, 2010.

BARRETT, Michèle. Introduction. In: WOOLF, Virginia. **Women and writing**. London: The Women's Press, 1979. p. 1-39.

BRANDÃO, Izabel. Virginia Woolf and the essay under feminist eyes. **LitCult / Revista Mulheres e Literatura**, v. 3, 1999. Disponível em: <https://litcult.net/2012/11/06/virginia-woolf-and-the-essay-under-feminist-eyes/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRANDÃO, Izabel. Virginia Woolf e o ensaio sob o olhar feminista. In: RAMALHO, Christina. **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 189-207.

BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (orgs.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: UFAL, UFSC, 2017.

BRIGGS, Julia. **Virginia Woolf: an inner life**. San Diego: Harcourt, 2006.

CAMARGO, Mônica Hermíni de. **Virginia Woolf e seus ensaios: em busca de uma estética literária**. Orientadora: Sandra G. T. Vasconcelos. 2006. 227 f. Tese (Doutorado em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: ELIOT, T. S. **Ensaio**. 4. ed. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Art, 1989. p. 37-48.

GOLDMAN, Jane. **The Cambridge introduction to Virginia Woolf**. Cambridge: Cambridge University, 2006.

LEE, Hermione. Virginia Woolf's essays. In: SELLERS, Susan (ed.). **The Cambridge companion to Virginia Woolf**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 2010. p. 89-106.

MAROUVO, Patricia. Unveiling the contemporary in Virginia Woolf. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n. 1, p. 215-226, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/X7DLDYJPCjGjLwts3ZJXLc/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 abr. 2025.

NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. A crítica feminista na pós-graduação brasileira e os ensaios de Virginia Woolf. **Itinerários: Revista de Literatura**, Araraquara, n. 55, p. 217-235, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/16583>. Acesso em: 07 maio 2025.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. **A representação feminina na obra de Virginia Woolf: um diálogo entre o projeto político e o estético**. Jundiaí: Paco, 2017.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. **A representação feminina na obra de Virginia Woolf: um diálogo entre o projeto político e o estético**. Orientadora: Maria Clara Bonetti Paro. 2013. 253 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Virginia Woolf's reception and impact on Brazilian women's literature. In: DUBINO, Jeanne et alii. **The Edinburgh companion to Virginia Woolf and contemporary global literature**. Edinburgh: Edinburgh University, 2021. p. 246-266.

PINHO, Davi. A conversa como um 'método' filosófico em Virginia Woolf. In: PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria Aparecida de; NOGUEIRA, Nícea. **Conversas com Virginia Woolf**. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020. p. 11-31.

PINHO, Davi Ferreira de. **Imagens do feminino na vida e obra de Virginia Woolf**. Curitiba: Appris, 2015.

PINHO, Davi Ferreira de. **Imagens do feminino na vida e obra de Virginia Woolf**. Orientadora: Maria Conceição Monteiro. 2014. 167 f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Comparada) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PINHO, Davi. Virginia Woolf's misuse of "cotton wool" in "A sketch of the past": writing the wound. In: MATTISON, Laci (org.). **Virginia Woolf: objects, things, matter**. Edinburgh: Edinburgh University, 2025. p. 141-160.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Virginia Woolf's criticism: towards theoretical assumptions on The art of fiction. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 24, p. 93-101, 1990. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8789/8151>. Acesso em: 20 abr. 2025.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own and Three guineas**. Introduction by Michèle Barrett. London: Penguin, 1993.

WOOLF, Virginia. Professions for women. In: WOOLF, Virginia. **Women and writing**. London: The Women's Press, 1979. p. 57-63.

WOOLF, Virginia. Relendo romances. In: WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2021. p. 53-66.

WOOLF, Virginia. The modern essay. In: WOOLF, Virginia. **Selected essays**. Oxford: Oxford Classics, 2009. p. 13-22.

